

Cabo Verde

• BOLETIM DE PROPAGANDA E INFORMAÇÃO •

NÚMERO AVULSO 3\$00

● Praia, 1 de Março de 1950 ●

ANO I

N.º 6



PUBLICAÇÃO DA IMPRENSA NACIONAL



Sumário

(Todos os artigos são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)

Já é tempo, *pelo Dr. Bento Levy.*

Estado actual do problema da cultura do Café, *por Gil do Sacramento Monteiro.*

A Saúde Pública, *pelo Dr. Teixeira de Sousa.*

Em defesa do nosso Tabaco, *por Luis Silveira Rendall.*

A Tuberculose, *pelo Dr. Nobre Martins.*

Conclusão duma entrevista, *pelo Dr. Bento Levy*

Em defesa da Terra, *por Amílcar Cabral.*

O gorgulho das bananeiras na Ilha de Santo Antão, *por Armando Xavier da Fonseca.*

A casa, *por Joaquim Arnaldo Rogado Quintino.*

Alma Lusa, *pelo Dr. Manuel Coelho Pereira Serra.*

A cana sacarina é o agente responsável, *por Augusto Melo.*

As crises do Cabo Verde, *por Mário Secca.*

Na capa — Ilha de Santiago — *Mulheres do interior, descansam a caminho da cidade, onde vão fazer as suas vendas.*

AS CRISES DE CABO VERDE

SEUS EFEITOS E POSSIBILIDADES DE AS COMBATER

por MÁRIO SECCA

O fenómeno das crises dá-se dentro dum ciclo, que o tempo marca longo para as estiagens.

Um ano de esperanças por cada dez d'angústias!

Assim vem acontecendo há mais d'um século, causando a perda de preciosas vidas e as continuadas sangrias aos cofres do Estado, sem se procurar solucionar o problema aceitando as condições impostas pela Natureza.

Ano de alegria, de fácil governação, de esperanças, de melhores dias!

Anos de agonias, de desalentos, de êxodo, de morte; lares abandonados, vendidos para mitigar a fome, a sede dos homens, das plantas, dos animais!

Eis, em síntese, a história de Cabo Verde, história repetida em muitos e muitos anos.

Tenta-se combater ou atennar, há mais de cem anos, as crises, mas nunca se estudou o problema em profundidade. Enquadrou-se em limitado espaço de apreciação e assim se persistiu num erro fatal; tão fatal que pode levar o arquipélago à sua falência económica e social.

Há actualmente quem proponha a verdadeira solução. É' grato constatar que faz parte das preocupações e estudos dos nossos representantes e governantes.

Até agora situara-se a solução numa política de intensificação da agricultura, preparando condições ideais, modificadoras do ambiente climatérico. Para isso se criaram maciços arbóreos sem se terem em consideração os ensinamentos científicos, que relegam tal concepção para os domínios dos lugares comuns, sem expressão real.

Tudo foi e veio sendo feito obedecendo a um empirismo baseado em velhos conceitos; um pouco à pressa, sem estudos técnicos e incumbindo, a execução de certas obras importantes de hidráulica, a funcionários de muito boa vontade mas sem os necessários conhecimentos. Por isso tudo continua em

ponto morto e a Colónia volta a pôr a sua esperança nas chuvas, pedindo-as a Deus e, na sua falta, implorando a esmola a quem governa.

A Colónia, na sua fase de estudos técnicos, ainda não iniciada, quer de hidráulica, quer das possibilidades industriais ou agrícolas, terá de contratar especialistas de reconhecido valor, pagando-lhes bem. A pobreza dos seus recursos orçamentais não pode consentir a vinda de curiosos, de inexperientes, de aprendizes, fazendo alarde duma incompetência confrangedora e trabalhos sem o menor valor técnico ou práctico.

Cem anos desta nefasta política fizeram, do desgraçado ilota de Cabo Verde, um farrapo humano sem resistência física, sem dignidade, sem condições de resistirem aos males, que periodicamente os dizimam. Vivem da esperança e da esmola!

Parece-me impor-se a solução do problema encarando-o sob o aspecto da industrialização e aproveitamento — devidamente dirigidas — das pequenas indústrias locais, tão interessantes noutros tempos, por contribuírem para a economia do arquipélago e agora perdidas por esta geração de infelizes.

E há possibilidades da industrialização?

Pelo que conheço da Colónia, sou pela afirmativa. Ela tangência a verdade das possibilidades especiais de cada ilha.

Estou dentro da realidade ao admitir a existência de importantes recursos, possivelmente muito maiores se considerarmos não se terem feito, até hoje, os necessários estudos do sub-solo, apenas *apalpado* por estrangeiros e curiosos. Estão dispersos por antigos boletins oficiais, os seus *reports*.

O problema de Cabo Verde requere a solução conjunta dos problemas económicos e sociais, este melhorando as condições físicas dos trabalhadores, aumentando-lhes o nível de vida e eliminando os graves matizes da consangnidade; ferro em brasa imprimindo estigmas degenerescentes.

Terá de se orientar em bases mais científicas, de valorização profissional, a instrução. Nem se deve esquecer a educação. Uma preparará o indivíduo para a luta pela vida. A outra prepará-lo-á para uma melhor convivência social.

E' também necessário dirigir-lhe espiritualmente o seu sentimento nato de religiosidade, para não cair em nos preceitos dum paganismo aviltante e embrutecedor e encontrarem a dignidade própria de quem vive da fé.

Isto tudo deve ser planejado em conjunto com a evolução industrial, criando-se medidas adequadas para cada atividade, delas beneficiando os empregados e trabalhadores e suas famílias e os empregadores em certos benefícios a conceder pelo Estado.

A industria da pesca — que deve requerer a maior atenção — impõe uma radical solução nos métodos até agora seguidos, quer se encare sob o aspecto da produção, quer quanto à defeza do pescador, a quem se terá de criar condições próprias para se lhes poder exigir o coeficiente de esforço físico, necessário em tão árdua actividade.

Não é lícito esquecer-se quanto se poderia ter valorizado, por um ensinamento constante — a habilidade de muitos, da maioria para as pequenas indústrias locais, se se tivessem em atenção certos factores, que indicando uma tendência nata deveriam ser dirigidos para o aproveitamento dessa tendência, como factor económico.

E' uma redundância garantir-se a habilidade nata de muitos para certas indústrias caseiras: o queijo, a manteiga, a olaria, os tecidos de fibras, da Brava, os objectos feitos de sementes, de São Nicolau, as obras de rafia da Praia e tantos outros. Há verdadeiros artistas trabalhando as suas artes sem as noções essenciais, que poderiam definir ou vincar um cunho pessoal artístico e de incontestável valor.

Vou mais longe. Tudo se vem fazendo num desprendimento da análise dos pormenores, elementos luminosos, indavadores, na generalidade essenciais, para qualquer estudo definitivo.

E, voltando ao *pomo da discórdia* acentuarei que os slogans e lugares comuns aceites, quanto à actividade agrícola, têm levado

os governantes e governados a uma falsa visão do problema.

A verdade é não se ter feito, até hoje, qualquer tentativa para levar o agrícola, a *cavar* a terra em lugar de a *covar*. Nunca se lhe deu uma charrua. Nunca se lhe ensinou o aproveitamento prático das águas de regas, das operações do plantio, do conhecimento dos terrenos.

Em regra chove todos os anos no arquipélago e em quantidade suficiente para se fazerem as sementeiras. Dois inimigos as destroem: os gafanhotos e a falta de chuvas em Outubro.

Definidas assim as causas das crises seria necessário combatê-las. E há hoje processos radicais para o combate a esses dois males: a utilização dos aviões helicópteros para a produção da chuva artificial e combate a todas as epizootias e à extinção dos insectos nocivos.

Quais as possibilidades industriais de cada ilha?

Vai longo este artigo. Responderei num outro se houver alguém — o que duvido — que, pondo os óculos da indulgência, saiba ver neste amontoado de frases indigestas e massadas, a marca inconfundível da minha boa vontade em ver progredir estas infornadas ilhas, numa curva ascendente de realizações, que deem aos seus habitantes o pão diário e o conforto dum lar, onde a miséria não entre, e o bem estar se meça pela oração de graças diariamente dirigida a Deus e aos homens de boa vontade e de boa governança.

Sal, 1 de Novembro de 1949.

AGRADECIMENTO

Mário Resende Costa e família, profundamente reconhecidos, agradecem a todas as pessoas que visitaram no Hospital desta cidade e em casa Amy-Bell, durante a doença que a reteve no leito.

Prestam igualmente o tributo da sua gratidão ao ilustre clínico Ex.^{mo} Sr. João Baptista de Moraes pelos esforços e dedicação que desenvolvem para salvar a sua filha. Manifestam ainda o seu reconhecimento às Irmãs de Caridade e em especial à irmã Antonieta, e confessam-se extremamente gratos às crianças que também a visitaram.

Praia, 27 de Fevereiro de 1950.